

**Conselho Geral da Cáritas  
Fátima, 30-11-2019**

Uma palavra de início...

A todos saúdo, com os votos da melhor disposição e êxito no aproveitamento do tempo de reunião deste Conselho Geral.

Recentemente, tive a graça de participar no Encontro da Pastoral Social (em Fátima) e também na Conferência Anual promovida pela Comissão Nacional Justiça e Paz (CNJP). Numa e noutra, os pobres estiveram no centro das reflexões apresentadas. E destas se conclui quanto é importante dar a conhecer a realidade, conhecer a fonte do Amor-Cáritas que permite um novo olhar e nova interpretação, e promover iniciativas de sensibilização e respostas concretas para as diversas necessidades que emergem.

As Cáritas Diocesanas têm a sua observação sobre a realidade das pessoas pobres na sua respetiva área geográfica e promovem a resposta de apoio mais adequado e possível. Foi muito interessante ouvir na Conferência Anual da CNJP como a Cáritas Diocesana de Beja está a responder, com discernimento, à situação dos trinta mil imigrantes estrangeiros que se encontram a trabalhar no Baixo Alentejo. Foi um bom testemunho.

Tendo presente o objetivo que a Cáritas tem como *“VISÃO: Construir uma civilização de amor”* e *“MISSÃO: Com os pobres: acolher, servir, acompanhar e defender as suas causas”*. Especificando: *“A Cáritas, em Portugal, quer ser testemunho da fraternidade da comunidade cristã para com os mais pobres a partir da ação social da Igreja, construtora de uma sociedade solidária e participativa, onde prevaleça a justiça, a paz, a liberdade e a solidariedade ao serviço da dignidade humana.”*

Estou certo que as Igrejas Diocesanas desejam a concretização destes objetivos, confiando que as suas Cáritas sejam expressão e testemunho organizado do seu cuidado pelas pessoas mais pobres. Mas, certamente, também desejam que as suas Cáritas ajudem a desenvolver processos de sensibilização para o necessário testemunho de todos os cristãos.

Não é suficiente a exposição pública do peditório anual (com as latas e a identificação Cáritas). São necessárias mais iniciativas que exponham, publicamente, o envolvimento das Cáritas Diocesanas na promoção do bem comum da sociedade em que se integram. A opção preferencial pelos pobres não pode reduzir-se à responsabilidade de um grupo restrito, mas alargar-se comunitariamente como força libertadora e necessária para a construção da civilização do amor.

Desafiados pelo Papa, no próximo mês de Março, jovens universitários de faculdades de Economia, de diversos países, vão encontrar-se em Assis para partilhar as suas reflexões sobre a ‘Economia de Francisco’. Trata-se, não de uma nova economia, mas de uma nova leitura sobre a missão da Economia no mundo. É um apelo aos jovens universitários

dando-lhes, assim, a responsabilidade de refletirem sobre o futuro das novas gerações. Enfim, um desafio de nova leitura sobre a realidade humana e da função da Economia para a justiça e a paz mundial.

Esta informação é um sinal positivo. Os jovens estão interessados em refletir sobre o futuro do mundo, sobre o futuro da sociedade em que eles irão assumir responsabilidades.

Este exemplo sugere quanto é importante fazer pensar, refletir e partilhar conhecimentos e informação. A ânsia desenfreada pela competição e pelo êxito pessoal continua, mas não resolve a situação dos desequilíbrios do bem comum.

Neste sentido, penso que as Cáritas Diocesanas, com o conhecimento que possuem ou podem adquirir, farão um grande bem à Igreja e à sociedade, promovendo iniciativas de reflexão e envolvimento. Conforme o Papa Bento XVI “(...) *na sua atividade caritativa, as várias organizações católicas não se devem limitar a uma mera recolha ou distribuição de fundos, mas sempre devem dedicar uma especial atenção à pessoa necessitada e, de igual modo, efetuar na comunidade cristã uma singular função pedagógica, favorecendo a educação para a partilha, o respeito e o amor, segundo a lógica do Evangelho de Cristo. Com efeito, a atividade caritativa da Igreja, nos seus diversos níveis, deve evitar o risco de se diluir na organização assistencial comum*” (in *Motu Proprio Intima Ecclesia Natura* do Papa Bento XVI)

Também o Papa Francisco alerta: «*A conversão espiritual, a intensidade do amor a Deus e ao próximo, o zelo pela justiça e pela paz, o sentido evangélico dos pobres e da pobreza, são exigidos a todos.*» *Temo que também estas palavras sejam objeto apenas de alguns comentários, sem verdadeira incidência prática. Apesar disso, tenho confiança na abertura e nas boas disposições dos cristãos e peço-vos que procureis, comunitariamente, novos caminhos para acolher esta renovada proposta.*” (EG 201)

Portanto, conscientes do ambiente cultural individualista e consumista, é necessário colaborar para que os cristãos e suas comunidades não se fechem nesse reino da indiferença, que nada tem de profético. É necessário promover um novo olhar, o estímulo, a envolvimento e a ação pelo bem comum. É necessário deixarmo-nos atingir, e atear em todos, o fogo do Espírito do Amor-Cáritas que nos vem de Cristo, o Bom Pastor e Bom Samaritano da Humanidade.

Bom trabalho.

+ José Traquina